



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.25

JULHO/2023



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.25

JULHO/2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 25ª ed. Julho/2023. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 25ª ed. Julho/2023
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Dra. Vanessa Sales

Editor

Dr. Diogo de Souza dos Santos

Bibliotecária

Rosangela da Silva Santos Soares

Revisores

Dr. Antônio Jorge Tavares Lopes

Dra. Arethuza Karla A. Cavalcanti

Dr. Tiago Moy

Dra. Gleice Franco Martins

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

CIÊNCIAS DA SAÚDE

HEALTH SCIENCES

JULHO – CIÊNCIAS DA SAÚDE**A ATUAÇÃO DA PSICANÁLISE E A NEUROCIÊNCIA.....08**Autora: **Priscila Trudes Silva**

THE PERFORMANCE OF PSYCHOANALYSIS AND NEUROSCIENCE

EL DESEMPEÑO DEL PSICOANÁLISIS Y LA NEUROCIENCIA

MEMORIAL SAKAI: A ARTE DE TADAKIYO SAKAI COMO HERANÇA EM UM ESPAÇO COMPLETO21Autora: **Priscila Trudes Silva**

SAKAI MEMORIAL: TADAKIYO SAKAI'S ART AS AN HERITAGE IN A COMPLETE SPACE

SAKAI MEMORIAL: EL ARTE DE TADAKIYO SAKAI COMO PATRIMONIO EN UN ESPACIO COMPLETO

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DA CIÊNCIA A PARTIR DAS MUDANÇAS HISTÓRICAS POLÍTICAS NO BRASIL29Autora: **Priscila Trudes Silva**

THE HISTORY OF PSYCHOLOGY AND SCIENCE WITHIN HISTORICAL POLITICAL CHANGES IN BRAZIL

LA HISTORIA DE LA PSICOLOGÍA Y LA CIENCIA DENTRO DE LOS CAMBIOS POLÍTICOS HISTÓRICOS EN BRASIL

A ATUAÇÃO DA PSICANÁLISE E A NEUROCIÊNCIA

THE PERFORMANCE OF PSYCHOANALYSIS AND NEUROSCIENCE

EL DESEMPEÑO DEL PSICOANÁLISIS Y LA NEUROCIENCIA

Priscila Trudes Silva
priscila.trudes@gmail.com

SILVA, Priscila Trudes. **A atuação da Psicanálise e Neurociência.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.25, p. 08 – 19, julho/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

O objetivo deste estudo é proporcionar uma reflexão sobre a junção da neurociência com a psicanálise, visando explorar possibilidades de articulações entre esses conhecimentos, com base nos pressupostos teóricos que apresentam a estruturação da neuropsicanálise. Surgindo de forma sutil entre os psicanalistas que tentaram arriscar o estudo entre a relação dos conceitos e achados da psicanálise com pesquisas da neurociência, no ano de 1994. No meio de inúmeras atuações da neuropsicanálise, ressalta-se a aplicação da teoria psicanalítica para a compreensão do significado de diversos sintomas presentes em pacientes neurológicos. Pode-se concluir, que a relação entre a neurociência e a psicanálise apresenta eficácia e avanços sob a perspectiva clínica.

Palavras-Chave: Neurociência. Psicanálise. Neuropsicanálise.

ABSTRACT

The objective of this study is to provide a reflection on the combination of neuroscience and psychoanalysis, aiming to explore possibilities of articulation between this knowledge, based on the theoretical assumptions that present the structuring of neuropsychoanalysis. Emerging in a subtle way among psychoanalysts who tried to risk studying the relationship between the concepts and findings of psychoanalysis and neuroscience research, in 1994. In the midst of countless neuropsychoanalysis performances, the application of psychoanalytic theory to understanding the meaning of various symptoms present in neurological patients. It can be concluded that the relationship between neuroscience and psychoanalysis presents effectiveness and advances from a clinical perspective.

Keywords: Neuroscience. Psychoanalysis. Neuropsychoanalysis.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es brindar una reflexión sobre la combinación de neurociencia y psicoanálisis, con el objetivo de explorar posibilidades de articulación entre estos conocimientos, a partir de los supuestos teóricos que presenta la estructuración del neuropsicoanálisis. Surgiendo de manera sutil entre los psicoanalistas que intentaron arriesgarse a estudiar la relación entre los conceptos y hallazgos del psicoanálisis y las investigaciones en neurociencia, en 1994. En medio de innumerables actuaciones de neuropsicoanálisis, la aplicación de la teoría psicoanalítica a la comprensión del significado de los diversos síntomas presentes en pacientes neurológicos. Se puede concluir que la relación entre neurociencia y psicoanálisis presenta efectividad y avances desde la perspectiva clínica.

Palabras clave: Neurociencia. Psicoanálisis. Neuropsicoanálisis.

INTRODUÇÃO

Freud, conhecido como o pai da psicanálise, acreditava que a atividade de aparelho de um corpo vivo era o primeiro requisito para o psiquismo humano, operando de maneira direta com o ambiente. Esta operação psíquica é coexistente, subjugada e conjunta à atividade do sistema nervoso, estando o cérebro o nosso “órgão anímico”. O aparelho psíquico, por sua vez, é estruturado por mecanismos de representações justapostas em rede em uma região em que um sistema *sui generis* pode atingir as regiões vizinhas em função de sua potência (WINOGRAD, 2006).

Freud presume existir uma rede neural constituída em três sistemas específicos. Elenca duas ideias básicas: o raciocínio, entre a ação e o repouso que consiste a partir do

funcionamento de uma energia Q, sobre às leis gerais do movimento; ou seja, o neurônio é apontado como o suporte material do aparelho psíquico. Os neurônios se agrupam em três sistemas que divergem entre si : sistema ψ , sistema ϕ e sistema ω (WINOGRAD, 2006).

Pressupostos são identificados, a partir da associação entre a psicanálise e a neurociência, a partir do pensar freudiano de que os fenômenos mentais dispõem de um imo biológico. Freud contemplou uma conexão do psíquico no domínio do biológico, considerando o surgimento do psíquico com a história em particular do sujeito, e da espécie humana (FAVERET, 2016).

A neuropsicanálise surgiu com os conceitos e achados da psicanálise e pesquisas da neurociência, mais precisamente na década do cérebro em 1994. Na atualidade, alguns dos psicanalistas e neurocientistas investigam as familiaridades entre o fator biológico e o fator psíquico. O inconsciente freudiano é desenvolvido em decorrência das experiências vividas, contribuindo para a formação de uma personalidade singular.

Destaca-se, atualmente, o fato que a rede neural sofre alterações constantes, ou seja, não é fixa e permanente. As sinapses se modificam em sua estrutura e quantidade, a depender das experiências somadas. A critério da neuropsicanálise, os traços da memória tomam forma por meio da plasticidade neural, originando uma inconsciência interna que reage aos caminhos trilhados pelo sujeito (PINHEIRO; HERZOG, 2017).

O nascimento de uma consciência processada, em associação à linguagem, tem o seu processamento no hipocampo, que possibilita a tradução das memórias implícitas em memórias explícitas, explicando a origem do inconsciente explícito, ou seja, um sistema de memórias explícitas (LYRA, 2007).

O que não é traduzido pelo hipocampo, ou seja, as memórias emocionais e procedurais que perduram implícitas, mas por meio do recalque originário, a consciência primária dá lugar à consciência efetuada; toda a vivência subjetiva passa a ser expressada por meio da linguagem (LYRA, 2007).

REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A NEUROCIÊNCIA E A PSICANÁLISE

Com relação às raízes históricas da neuropsicanálise, temos, à época de Freud, o seu treinamento neurológico, área ainda recente e pouco investigada, baseando-se em métodos científicos específicos que correlaciona-se com o saber clínico. Respostas foram buscadas acerca das anormalidades clínicas e comparando-as a resultados de autópsia patológica, possibilitando a localização de distúrbios e o tratamento específico adequado, criando assim o conceito de síndromes clínicas (BOEKER, 2018).

Freud (1913) *abu*, salienta que o mundo externo é produzido pela projeção da percepção sensorial e no mundo interno, pelas percepções da emoção, em conjunto com os pensamentos.

Freud considerou também os fatores que constituíam o aparelho psíquico do sujeito: a história de vida, a história da espécie humana, a sociedade e a cultura. Todos esses elementos são herdados geneticamente ou são fruto de modificações do desenvolvimento genético.

Neste âmbito, alguns psicanalíticos em sua teoria, confessam que a psicanálise apresenta impedimentos epistemológicos, não podendo ser intitulada de uma ciência. Sendo utilizado para solucionar esta problemática a neurociência como base para reformulação da sua

teoria e transfigura-se para um saber científico. O Neuropsicanalista Kandel (2005), expõe a psicanálise como a representação mais coesiva e com o saber devido à mente. Ele traz dois pressupostos: (1) a psicanálise não evoluiu cientificamente, nada mais consegue ser auferido ao ouvir o paciente em sessão, se faz necessário seguir o indicativo de Freud de um dia ser factível a teoria psicanalítica baseada na biologia; (2) as neurociências cognitivas são na época atual a ciência emblemática para se estudar o cérebro (GARCÍA, 2011).

Nessa conjuntura, a junção da neurociência e a psicanálise são de distintos domínios, epistêmicos e discursivos. Não ocorre de forma que um conhecimento complementa o outro, os dois se cruzam na linha do vazio e do fracasso, onde a psicanálise a medicina adere ao encontro da incongruência de cada campo de conhecimento. O diálogo surge ao decorrer da falta de conhecimento, como condição para questões serem formuladas (KELMAN, 2013). Por conseguinte, são mantidas as oposições, havendo interação entre uma clínica a outra com hipóteses. A ciência reconhece a dimensão do conhecimento na percepção do seu real, mas despreza a dimensão da verdade como causa material. Assim sendo, a negação da verdade que conduz o sintoma como escrita, na medida que se refere à singularidade do gozo do ser falante (KELMAN, 2013).

Um dos pioneiros Neuro Psicanalistas no cenário brasileiro é Yusaku Soussumi (2003), ele aduz a contradição ao objetivar a epistemologia da neuropsicanálise, defendendo no primeiro momento que a psicanálise e a neurociência são duas ciências distintas com objetos e métodos inerentes de investigação, conseqüentemente não concebível reduzir uma à outra. É estabelecido como cabível a neurociência o reconhecimento e as correções dos erros, no aprimoramento dos dados inacabados e no paralelismo dos fenômenos psíquicos com os fenômenos neurais coexistentes ao a conjunção dos órgãos, das células e das moléculas (DAVIDOVICH; WINOGRAD, 2010). Ao ter como referência os avanços da neurociência, em relação com a memória, uma das fundamentais estruturas do cérebro para a composição das memórias conscientes que não são operantes no decorrer dos dois primeiros anos de vida, o que Freud explicou como amnésia infantil. À vista disso, as experiências da primeira infância, especialmente da relação entre mãe e bebê, intervêm na padronização das conexões cerebrais, se relacionando o padrão de nossos atos com os Pensamentos (WINOGRAD, 2004).

No entanto, não somos capazes de lembrar destas tentativas conscientes. Neste momento, diversos estudos procuram sustentar a hipótese freudiana de recalque. Podendo ser citado o mecanismo neurológico de bloqueio da memória, por meio de imagens da ressonância magnética onde o mecanismo biológico é apresentado da forma que as pessoas perdem ativamente as lembranças indesejáveis (WINOGRAD, 2004). A ligação entre a neurociência e a psicanálise concede a agregação de mente-corpo como um todo inerente, em que é provável verificar a presença de uma conexão contínua entre as expressões corporais e psíquicas, de maneira inseparável. Entretanto, sempre atentos para o fato de que se a mente estiver apenas ao cérebro de uma maneira desacertada, onde o cérebro se manteve constante distante do corpo, deste jeito não concebendo a imensa estrutura (corpo e cérebro), se definindo um organismo enigmático (SOUSSUMI, 2006).

No meio de inúmeras atuações que a neuropsicanálise vem fornecendo, destaca-se a aplicação da teoria psicanalítica para a compreensão do significado de deliberados sintomas presentes em pacientes neurológicos. A prática, a clínica e a pesquisa psicanalítica envolvem

pacientes afetados por lesões cerebrais e apresentam um grande crescimento (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2009).

Nessa situação, questiona-se a compreensão da expressão do ser humano do sofrimento orgânico-neurológico, da relação do corpo, das pessoas e do mundo? Se faz fundamental uma visão expandida que desenvolva a colaboração da psicanálise e a neurologia, em uma visão agregada pelo conhecimento e a compreensão perscrutar de pessoas com Doença de Alzheimer, Mal de Parkinson, acidente vascular cerebral (AVC), cefaléias, epilepsia entre outras (BARRETO, 2016).

Alguns psicanalistas, não discernem os fundamentos neurológicos das ideias de Freud, acabam atinando mal o seu trabalho, utilizando do argumento que a produção teórica da psicanálise deve seguir afastada da neurociência indefinidamente. Alegando-se que é preciso tornar dos métodos neurocientíficos de seja qual tipo, não considera os avanços e aglutinam puramente a clínica psicológica. Questionando se a neurociência favorece para o desenvolvimento teórico-prático da psicanálise (SOLMS; TURNBULL, 2016).

A PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIA

Infelizmente, existe uma tendência no meio médico e mesmo no psiquiátrico que julga haver um antagonismo entre os progressos sobre o conhecimento do cérebro e a teoria psicanalítica de nossos dias, já bem diferente em muitos pontos dos postulados freudianos. Entretanto, não é questão de uma *ou* outra, mas de uma *e* outra, como procurarei mostrar. O conceito atual neurocientífico de plasticidade cerebral, das redes ou mapas neuronais com suas miríades de sinapses sempre em mudança de maneira ativa em contato com aquilo que vem da realidade interna e externa, dá uma base orgânica estrutural para a teoria e prática psicanalíticas atuais. A neurociência vem mostrando como o estar consciente depende da sincronização, da sintonia entre várias estruturas corticais e subcorticais.

O inconsciente (fantasia inconsciente), por sua vez, dependeria, para se manifestar, de um bloqueio emocional de certos conjuntos neuronais e suas sinapses, liberando outras redes, mais ligadas ao mundo interno, em uma espécie de neo-jacksonismo. Tal se passaria no sonho, nos lapsos de língua, nas parapraxias e na construção de sintomas neuróticos e psicóticos, conforme já Freud havia observado. O ser humano necessita da fantasia, tanto consciente como inconsciente, em alternância perene entre essa realidade interna e o mundo exterior. Ambas são necessárias à mente, para dar "alma" ao cérebro, sem as quais este morreria.

O pensar parece ser em grande parte uma sintonia entre a fantasia inconsciente, as captações sensoriais aferentes (o cérebro não sobreviveria sem o corpo) e os engramas (memórias) estabelecidos no decorrer da vida. Dormir seria necessário para descansar certos setores sinápticos, ligados à realidade exterior, deixando livres outros mais conectados ao mundo interno, originando o sonhar. Sem esse desligamento neurosináptico da consciência vígil, o cérebro não sobrevive. Os especialistas em sono sabem disso.

Para o aprendizado (aquisição de novos engramas), o sono bem dormido é tão necessário, mostrando pesquisas com estudantes, quanto a primeira metade da noite é fundamental para consolidar o aprendizado em vigília (Houzel, 2002). Provavelmente seria porque no sono profundo inicial funciona mais a realidade interna, ao contrário do sono superficial, com a realidade externa mais influente, entrando nos sonhos. Não é impossível que,

para a consolidação do aprendizado, seja necessário o que em psicanálise se denomina autismo construtivo, a mente fica voltada para dentro, para si mesma com seus objetos internos, sem sonhos e contatos com o mundo exterior. Isso poderá explicar certos lampejos criativos, tanto artísticos como científicos. Na química, quando Kekulé sonhou com o anel benzênico, ainda não conceituado, e na fisiologia quando Banting sonhou necessitar ligar o canal pancreático de cães para confirmar que as ilhotas de Langerhans secretam a insulina.

Houzel, ao analisar a motivação onírica (um dos pilares da psicanálise freudiana), não inclui o fator emocional, a realização dos desejos e o repetir uma situação traumática na tentativa de sobrepujar-la. Também, quando revela depender a memória da riqueza de estímulos que aumentam as sinapses do hipocampo, não faz qualquer referência à motivação (tanto consciente como inconsciente), não só bloqueando sentimentos indesejáveis das lembranças como estimulando outros, e a atenção. Por isso, provavelmente os deprimidos crônicos menos motivados, procurando menos estímulos internos e externos, são mais suscetíveis à "falta de memória" e por isso provavelmente serão mais propensos à doença de Alzheimer.

Ainda Houzel, ao analisar o bocejo do ponto de vista neurocientífico, o faz demasiadamente apegado a esse campo, não incluindo em suas observações fatores emocionais interpessoais (objeto da psicanálise atual). Realmente o bocejo pode ter várias conotações, além das mencionadas pela autora, como disfarçar uma situação em que a pessoa é criticada, em comunicação inconsciente de algo como: "Não estou nem aí". Até na psicologia canina, muitas vezes parecida com a humana, pode se observar um cão censurado pelo dono olhar para o outro lado e bocejar, como que comunicando ao primeiro "Isso não me afeta, não é comigo, não me interessa."

Houzel, no capítulo "Lembrando o que não aconteceu" de seu livro, a falta de ênfase no emocional é patente. Muitas lembranças e falsas lembranças, como o "déjà vu" são incrementadas quando o fato vivido ou imaginado causou maior impacto afetivo. Além disso, com a repressão (recalque) emocional de um fato traumático vivido ou fantasiado, a rememoração mostra que a pessoa não tinha qualquer consciência de sua existência. A revivescência de conflitos emocionais e a compreensão desta na transferência em sessão analítica alteram certas marcas cerebrais em um sentido positivo, alargando horizontes da pessoa sobre si mesma e seus relacionamentos. Pugh (2002) cita pesquisas a respeito.

Conseqüentemente aparece maior paz interna, menor ansiedade, diminuição dos sintomas clínicos e maior integração emocional. Para ocorrerem tais mudanças na plástica cerebral é indispensável a assiduidade do contato analítico (três a cinco vezes por semana) durante anos, para se tornarem duradouras.

Comentando as bases cerebrais do humor, Houzel cita pesquisas atuais através do mapeamento de zonas ativas do cérebro revelaram que anedotas relacionadas com o significado das palavras ativam centros da linguagem no lobo temporal. Por sua vez, os trocadilhos ativam o córtex pré-frontal medial ventral, processando sinapses relacionadas com o som das palavras. O achar graça dependeria tanto do sentido como do som das palavras. O riso contagioso ativa o núcleo acumbente, também responsável pela sensação prazerosa da maconha e de outros vícios. Mais uma vez nota-se pouca consideração da parte psicológica (emocional), pela qual acha-se graça quando um impulso reprimido sexual ou agressivo foge subitamente da censura. Redlich e Bingham (1962) analisando, sob esse ponto de vista, *cartoons* de revistas norte-

americanas, mostram como o riso surge no caso de pessoas ridicularizadas, satisfazendo impulsos agressivos e sexuais reprimidos, por exemplo, as crianças e até mesmo os adultos riem dos palhaços por falarem e cometer asneiras, fazerem coisas desastradas e assim por diante. Sentem-se superiores e no riso descarregam a agressividade contra eles. Na TV, programas como as "videocassetadas", com pessoas sofrendo quedas ridículas e outras situações humilhantes, bem como nas comédias de "pastelão" americanas, com tortas sendo atiradas no rosto do desafeto, os mesmos impulsos são satisfeitos. Tudo relacionado com repressão dos instintos sexuais e agressivos básicos, subitamente liberados com a surpresa do ocorrido no fim do fato risível. Freud já havia estudado esse assunto em *O chiste e o inconsciente*.

Cada cultura possui também piadas regionais, divertindo mais àqueles a estas pertencentes, por exemplo, as existentes entre os judeus. No Brasil os portugueses são o alvo predileto de anedotas em desventuras engraçadas, provavelmente por certa agressividade cultural recalcada dos tempos coloniais, e por seus imigrantes, em geral de pouca cultura e ingênuos, pensarem, falarem e atuarem de maneira engraçada, fazendo os brasileiros se divertirem por sentirem-se momentaneamente superiores. Por ironia, um dos maiores neurocientistas atuais, António Damásio, é português, embora radicado nos Estados Unidos, e, no passado, Egas Moniz, introdutor da angiografia cerebral e da psicocirurgia (leucotomia), ganhador do prêmio Nobel, também era português, mostrando a injustiça da inclusão dos portugueses em situações risíveis.

Damásio (citado por Houzel), estudando principalmente as emoções com experimentos criativos tanto em animais como em humanos, vem confirmando estruturalmente envolverem as emoções, o corpo e o cérebro. Concluiu que se tem primeiro a emoção para depois senti-la. A angústia, por exemplo, é a alteração corporal neurovegetativa com sensação de aperto, "angor" na garganta, taquicardia, suor frio etc. que provoca o sentimento de ansiedade após o cérebro registrar as alterações corporais. Embora a angústia preceda a ansiedade, ambas não existem isoladamente.

No terreno da consciência, Damásio considera três níveis. Primeiro o do proto-*self*, relacionado com a imagem do corpo no cérebro. Seria o "ego corporal", de Freud. Quando essa imagem muda no relacionamento com o mundo exterior, surgem representações na consciência que, quando se relacionam aos objetos causadores da mudança, fazem aparecer a consciência do Eu Central, a noção "do aqui e agora comigo", a segunda forma de consciência.

Em *O erro de Descartes*, Damásio, ainda citado por Houzel, procura mostrar como primeiro vem a emoção e depois o pensamento, portanto, não é "penso, logo existo", mas "existo (tenho a noção de existir) e por isso penso". A emoção e a consciência são inseparáveis, como a angústia da ansiedade. Conclui Damásio: quanto mais o *self* reconhece suas emoções, mais se torna apto para uma melhor adaptação ao mundo interno e externo. É essa exatamente a intenção do psicanalista para com seu paciente: levá-lo a um melhor conhecimento de seus conflitos emocionais inconscientes, a fim de poderem ser, senão resolvidos, pelo menos atenuados.

Houzel refere-se à capacidade da percepção do sentimento em alertar o organismo para a situação provocadora de emoção, incentivando as reações adaptativas mais adequadas. Algo, acrescentaria eu, já existente nos mamíferos superiores, principalmente nos primatas. Apenas nos últimos, a memorização é fugaz (hipotalâmica) não sendo transferida para o córtex pré-

frontal com a intensidade do ocorrido no *Homo sapiens*, resultando no pensamento mais sofisticado. Em suma, esses animais superiores não chegam à consciência plena (terceira forma) por deficiência na telencefalização. O pensamento, mesmo nos macacos superiores, é rudimentar, apenas incipientemente simbólico, enquanto no ser humano, sem a capacidade para o simbolismo, não existiria o pensamento (verbal) e a linguagem. Seria exatamente o ocorrido segundo Segal (1978) nos esquizofrênicos. Neles haveria confusão entre o símbolo e o simbolizado, resultando no "pensamento concreto", por atacarem o pensar conforme procurou mostrar Wilfred Bion (1988). Esse ataque levaria o esquizofrênico a sentir o mundo como bizarro, a partir disso o autismo, os distúrbios do pensamento e da linguagem, a ambivalência e os delírios. Estes últimos frequentemente como tentativas de voltar ao contato com a realidade. *Vide* Pacheco e Silva Filho (1989) reportando-se a vários psicanalistas atuais como Ogden, J. Grostein, H. Segal, H. Rosenfeld, W. Bios, M. Mahler e outros estudiosos do assunto.

Na conscientização ampliada, dependente do desenvolvimento maior da córtex, o Eu (*self*) recebe sua identidade e perspectiva histórica; torna-se auto-biográfico com passado, presente e futuro. Surgem em cena funções superiores como a linguagem e a criatividade. Constrói-se a consciência moral na qual estão as relações sociais e sentimentos abstratos, como amor, honra e altruísmo. Citando ainda Damásio, Houzel ilustra como lesões nas estruturas do proto-*self* arrasam todos os níveis de consciência, comprovando ser a representação do corpo na mente o nível básico. Em ataques epiléticos ou ausências, a dissolução da consciência central leva junto a consciência ampliada. Esta, por sua vez, pode ser comprometida sem a segunda ser afetada, como em casos de amnésia e início da doença de Alzheimer. Vigília e consciência central não são sinônimos, como mostram ausências por disritmia cerebral, em que a pessoa acordada age automaticamente. Na hipnose, o hipnotizador se tornaria o superego do hipnotizado, podendo bloquear a consciência central e tornar o último, no transe profundo, um autômato sob suas ordens. Ainda, os achados do neurologista português levaram à conclusão de que tanto com quanto sem cérebro não há consciência, o corpo também é indispensável para a mesma. Houzel assinala como ver ou imaginar objetos ativa os mesmos neurônios, mostrando como são afetados de maneira idêntica por estímulos da realidade externa e interna.

A imaginação, para Houzel, seria a ativação interna da representação dos sentidos no cérebro. Como depende da experiência, esta é a matéria prima da imaginação. Mas, desculpe-me a autora, a imaginação (fantasia consciente) não é só representação dos sentidos no córtex. Talvez isso seja nos primatas que já a têm incipiente, nunca tão desenvolvida como em nós. No ser humano, a constituição do mundo interno simbólico individual não faria com que as redes neuronais ativessem-se reciprocamente sem representações dos sentidos? Por puro autismo (ausência de relação objetual externa) construtivo, como vimos no autismo criativo, nas artes e nas ciências, diferente do autismo destrutivo das crianças autistas e esquizofrênicas.

Ainda, para Pugh (2002) as observações kleinianas da criança desenvolvendo a percepção de pessoas como objetos totais aos 4 meses (posição depressiva de M. Klein) parecem ser confirmadas pelo fato de nessa idade axônios dispensáveis no córtex serem eliminados. Campos sinápticos vão sendo integrados e a ponte inter-hemisférica é ampliada pela mielinização. Além disso, lesões na zona cortical heteromodal do hemisfério direito podem resultar em regressão para a percepção de objetos parciais.

Soussumi (2001), psicanalista de nossa sociedade, com vários estudos sobre a integração entre as neurociências e a psicanálise, refere-se a três tipos de memória:

- 1) Procedural, concernente ao cérebro reptiliano e ao dos mamíferos, armazenadora das primeiras recordações da humanidade e, no indivíduo, da infância.
- 2) Declarativa, concernente às lembranças.
- 3) Filogenética, referente ao estado mental primitivo e à fantasia inconsciente (representação mental do instinto, das pulsões, conforme M. Klein), tanto e principalmente dos impulsos destrutivos como dos eróticos (Thanatos e Eros de Freud). O complexo de Édipo, para o autor, também poderia ser aqui incluído.

Del Nero (1997) assinala como programas pré-gravados inatos nos habilitam a ter uma pequena parcela da mente pré-instalada. São afirmações perfeitamente coincidentes com a pré-concepção de Wilfred Bion, atribuindo ao recém-nascido uma imagem de bom objeto (seio), a qual, em contato com o objeto, forma uma concepção. E mais adiante, escreve Del Nero, ter o indivíduo habilidades prévias (cerebrais) de estabelecer sincronia com os fatos do mundo. É uma confirmação neurocognitiva da idéia kleiniana do Ego incipiente no início da vida, não existindo o narcisismo primário de Freud.

Por sua vez, Basile (1998) assinala como parte da amígdala passou a ser tratada como "quase cortical", semelhante ao hipocampo e à cápsula do núcleo acumbente (amígdala expandida) que teriam importância primordial na explicação do comportamento em geral e da fisiopatologia psiquiátrica. Diria eu, importância primordial como efetores, mediadores psicossomáticos transformando a angústia em ansiedade, decorrentes não só de fatores externos (medos etc.), mas sobretudo de conflitos inconscientes do mundo interno, exigindo modificações do pensamento e do comportamento.

Koestler, (1967), citado por Persicano (2002) em pensamento semelhante às três formas de consciência de Damásio, refere-se aos "três cérebros" do ser humano: 1) O reptiliano sensitivo-sensorial, incapaz de armazenar a experiência. 2) O mesocórtex, já existente nos mamíferos, tornando-os capazes de solucionar problemas elementares. Seria o sistema límbico ligado ao hipotálamo em mão dupla, filtrando as excitações antes de estas atingirem aquela estrutura. Permite a adaptação ao meio (externo) com base em experiências passadas. Avalia o significado emocional das experiências, pela inter-relação hipotálamo-hipófise-supra-renal. 3) O "terceiro cérebro" seria o néo-córtex telencefálico, com predominância da parte auditiva sobre a visual. Na criatividade o mesocórtex é regressivamente incorporado ao neocórtex em inter-relação. A cultura em cada grupo humano dependeria desse intercâmbio. Inicialmente passou de geração em geração, oralmente, só posteriormente, com a escrita comunicativa, surgiram novos valores individuais.

Na filogenia, o *Homo habilis* da Idade da Pedra seria ainda incapaz de usar a fantasia inconsciente e mesmo a consciente, daí o fato de não terem criatividade. Com a evolução surge o homem de Neanderthal, que já a tem. Em seguida surge o *Homo sapiens*, incluindo o Cro-Magnon. Surgem as várias raças, adorando deuses animais e outras ligadas às forças naturais. Ainda não existe qualquer liturgia religiosa. Apenas com o incremento da fantasia inconsciente, há 45 mil anos atrás, aparecem as primeiras manifestações artísticas. A dança seria a primeira forma de arte, já com um sentido erótico mais sofisticado e não quase só agressivo, como nos antropóides. Logo vem o desenho primitivo representativo. Como na criança (desenvolvimento ontogênico), seriam as primeiras manifestações de um psiquismo, da primeira consciência da subjetividade, com fantasias de onipotência (sopro criador), primeiro atribuído aos deuses, para o infante os pais, e depois em parte outorgado para si.

Com o desenho começa o planejamento de vida, com idéias do futuro. Os animais representados nas paredes das cavernas tornaram, pela fantasia inconsciente, mais fácil caçá-los. Desenhar, como depois fotografar, teria o significado inconsciente de se apoderar do objeto, desse modo fixado, congelado. O homem das cavernas gravou, esculpiu e pintou, progressivamente, nessa ordem. Passa a não só observar a realidade externa como a reproduzi-la. Surgem os sonhos e as fantasias conscientes, não distinguidos no começo da realidade externa, tal qual ocorre na criança.

Pela arte o homem primitivo teria começado a refletir, dando um enorme salto no desenvolvimento cognitivo, desenvolvendo um cérebro com um excesso de possibilidades criativas, usadas para a solução de problemas mais complexos e para a arte. Com isso vão aparecendo as várias subjetividades no ser humano. Os padrões rígidos coletivos estão sendo alterados em várias culturas, com valores e modos de viver diversos.

Como tenho procurado mostrar nesta seção *Ponto de Vista*, a psicanálise atual contribui cada vez mais para compreensão da mente humana, seus distúrbios e seu tratamento. Por outro lado, as neurociências vêm confirmando inúmeros postulados psicanalíticos modernos, no estudo das funções cerebrais mais diferenciadas. Entretanto, os neurocientistas não podem mais deixar de lado as contribuições da ciência do inconsciente, como nós psicanalistas não desprezamos os desenvolvimentos dos conhecimentos das ciências cognitivas e das neurociências em geral.

Para muitos neurologistas e psiquiatras excessivamente organicistas, ainda somos uma espécie de filósofos, desligados da verdadeira ciência. Alcinha talvez válida para as escolas seculares de psicanálise na sua ortodoxia. Fora destas, que apesar de tudo podem dar sua contribuição, a ciência psicanalítica já atinge hoje dimensões nada desprezíveis para a compreensão do ente humano na sua unidade e no seu relacionamento interpessoal, tanto na saúde como na doença.

Em artigo anterior nesta revista (2002) procurei focalizar mais detidamente o processo analítico. Ainda a respeito, gostaria de citar Kantrowitz (1995) e Schalker (1995), duas norte-americanas com dois trabalhos notáveis que revelam a percepção das mais sensíveis do jogo transferência-contratransferência. Na experiência emocional recíproca, o paciente evolui reavaliando suas vivências e o mesmo se dá com o analista, conforme vai percebendo como suas reações emocionais determinam e condicionam as do paciente. E com isso, o próprio analista evolui, não só como profissional, mas também como pessoa. As autoras, com muita sensibilidade e intuição, relatam como trabalham em um inter jogo emocional profundamente humano entre duas pessoas, sem necessitar do jargão específico de qualquer das "escolas" psicanalíticas existentes. Aliás, em psicanálise, muitas vezes o mesmo termo é conceituado de várias maneiras por diferentes analistas, o que impede frequentemente qualquer discussão criativa.

Finalizando, outro autor, o italiano Ferro (1996) possui as mesmas características, como demonstrou em seus seminários clínicos em nossa sociedade. São suas palavras: "Acredito que como analistas deveríamos mostrar, cada vez mais, para além das teorizações, aquilo que fazemos e como fazemos, na concretude da sessão". Aliás palavras muito semelhantes às de Bion (1973, 1974), em vários dos seus escritos e conferências, muitas das quais pronunciadas em São Paulo e Rio de Janeiro, tais como: "Na psicanálise, duas pessoas ousam se perguntar sobre coisas esquecidas e ignoradas, devendo ao mesmo tempo viver no presente, disso resulta ambas ficarem mais fortes mentalmente".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que um equívoco ocorre ao subjugar a psicanálise à neurociência como se acontecesse uma hierarquia entre elas, apenas se interessando com o elucidário da segunda para a primeira. Embora este erro persevere em alguns círculos psicanalíticos de maneira inflexível, divergindo do espírito curioso de Freud, o criador da psicanálise. A vicissitude da conversação com outros campos que atuam no desempenho mental pode impulsionar a ótica da pesquisa e da clínica, desde que respeitando as peculiaridades de cada campo.

Portanto, não é necessário que a psicanálise associe-se precipitadamente à construção teórica apresentada pela neurociência. Ao adverso, é essencial atentar como quem ouve um sujeito que transfere seu discurso para dentro da terapia psicanalítica e questionar de uma vez apenas acerca da história, imagem do pensamento que o indivíduo orienta sobre os saberes, ações inéditas que ela faculta.

Por fim, os psicanalistas devem estar atentos a uma visão ampla que fortaleça a colaboração entre a psicanálise e a neurociência, em uma concepção que direcione o conhecimento e a compreensão para a possibilidade de atender pacientes afetados por lesões cerebrais.

REFERÊNCIAS

- Anderson, M., & Levy, B. (2009). Suppressing unwanted memories. *Current Directions in Psychological Science*, 18(9), 189-194. Recuperado em 12 jul. 2016 de: <http://memorycontrol.net/AndersonLevy09.pdf>.
- Ansermet, F., & Magistretti, P. (2006). L'inconscient au crible des neurosciences. *La Recherche*, 397, p. 36.
- Bauer, P. (2004). Oh Where, Oh Where Have Those Early Memories Gone? A Developmental Perspective on Childhood Amnesia. *Psychological Science Agenda*. Recuperado em 15 jul. 2016 de: <http://www.apa.org/science/about/psa/2004/12/bauer.aspx>
- Bezerra Jr., B. (2010). Neurociências e psicanálise: definindo discordâncias para construir o diálogo. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 38, 145-159. Recuperado em 22 jul. 2016 de: <http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista38-3.pdf>.
- Birman, J. (2010). Discurso freudiano e medicina. In Birman, J., Fortes, I., & Perelson, S. (Orgs.), *Um novo lance de dados: psicanálise e medicina na contemporaneidade* (p. 13-46). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Canguilhem, G. (1971). *Lo normal y lo patológico*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- Costa, J. F. (2005). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Crick, F. (1995). *The astonishing hypothesis: the scientific search for the soul*. New York: Scribner.
- D'Aquili, E. & Newberg, A. (1999). *The mystical mind: probing the biology of religious experience*. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora. (Publicado em 1968).
- Eliá, L. (1999). Uma ciência sem coração. *Revista Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 2(1), 41-53.
- Ehrenberg, A. (2009). O sujeito cerebral. *Psicologia Clínica*, 21(1), 187-213. Recuperado em 05 jul. 2016 de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0103-56652009000100013 & lng=en& nrm=iso.
- Farah, B. (2012). Depressão e vergonha: contrafaces dos ideais de iniciativa e autonomia na contemporaneidade. In Verztman, J., Herzog, R., Pinheiro, T., & Pacheco-Ferreira, F. (Orgs.), *Sofrimentos narcísicos* (p. 185-206). Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC.
- Faveret, B. (2005). Neurociências e psicanálise: há possibilidade de articulação?. *Psicologia Clínica*, 18(1), 15-26.
- Fortes, I. (2010). O corpo na clínica contemporânea e a anorexia mental. In Birman, J., Fortes, I., & Perelson, S. (Orgs.), *Um novo lance de dados - Psicanálise e medicina na contemporaneidade* (p. 73-88). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). Dinâmica da transferência. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1912).

- Freud, S. (1976). Os instintos e suas vicissitudes. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1915a).
- Freud, S. (1976). O inconsciente. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1915b).
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1920).
- Freud, S. (1976). Dois verbetes de enciclopédia. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923 [1922]).
- Freud, S. (1976). O ego e o id. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1923).
- Freud, S. (1974). O mal estar na civilização. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1930).
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias. Conferência XXXV: a questão de uma *Weltanschauung*. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1932).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1937).
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1938).
- Herculano-Houzel, S. (2013). Entrevista ao programa Roda Viva, 26 de março. Recuperado em (inserir data 01 mar. 2016) de <https://www.youtube.com/watch?v=VVMHrWallRe>.
- Herzog, R. (1988). A questão da influência da psicanálise na medicina. In Figueira, S. A. (Org.), *Efeito Psi: a influência da psicanálise* (p. 53-65). Rio de Janeiro: Campus.
- Josselyn, S., & Frankland, P. (2012). Infantile infantil: a neurogenic hypothesis. *Learning & Memory*, 19, 423-433. Recuperado em 15 jul. 2016 de: <http://learnmem.cshlp.org/content/19/9/423.full>.
- Kandel, E. (1999). Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. *The American Journal of Psychiatry*, 156, 505-524. Recuperado em 22 jul. 2016 de: <http://ajp.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/ajp.156.4.505>.
- Kandel, E. (2012). The age of insight. Entrevista concedida ao Wired, julho. Recuperado em 22 jul. 2016 de: <<http://www.wired.com/2012/04/the-age-of-insight/>>.
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras. [Links]
- Kolb, B., & Gibb, R. (2011). Brain plasticity and behavior in the developing brain. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 20(4), 265-276. Recuperado em 15 jul. 2016 de: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3222570/>>.
- Lacan, J. (1978). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In Lacan, J. [Autor], *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado em 1953).
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1953-1954).
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1954-1955).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1959/1960).
- Laurent, E. (2014a). La crisis post DSM. *Boletín Latigazo*, 4,. Recuperado em 30 jun. 2016 de: <<http://www.latigolacaniano.com/assets/ltgzo-4-la--crisis-post-dsm.pdf>>.
- Laurent, E. (2014b). Psychoanalysis and the cognitive paradigm. Conferência para o The Irish Circle of the Lacanian Orientation, 13 de setembro. Recuperado em 03 ago. 2016 de: <http://iclo-nls.org/?page_id=2690>.
- Meltzoff, A. (1999). Born to learn: what infants learn from watching us. In Fox, & Worhol, J. G. (Eds.), *The role of early experience in infant development*. Skillman, NJ: Pediatric Institute Publications. Recuperado em 22 jul. 2016 de: <http://ilabs.washington.edu/meltzoff/pdf/99Meltzoff_BornToLearn.pdf>.
- Meltzoff, A. (2016). Os bebês são detetives emocionais. Entrevista concedida à Revista Época, 15 de maio. Recuperado em 22 jul. 2016 de: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/05/andrew-meltzoff-os-bebes-sao-detetives-emocionais.html>>.
- Meyer, C. (Org.). (2011). *O livro negro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Morsella, E., Godwin, C., Jantz, T., Krieger, S., & Gazzaley, A. (2015). Homing in on consciousness in the nervous system: an action-based synthesis. *Behavioral and Brain Sciences*, June. 2015, p. 1-106 (no prelo).
- Ribeiro, S. (2011). Palestra na II Conferência Neurociências e Psicanálise, 29 de outubro. Recuperado em 07 jul. 2016 de: <https://www.youtube.com/watch?v=4tfM1cnpYs0>.
- Rizzolatti, G., Fogassi, L., & Gallese, V. (2006). Mirrors in the mind. *Scientific American*, 295(5), 54-61.

- Sollero-de-Campos, F. (2009). Algumas observações sobre o não verbal: neurociência da memória e clínica psicanalítica. *Ciências e Cognição*, 14(3). Recuperado em 07 jul. 2016 de: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/244/152>.
- Solms, M. (2000). Dreaming and REM sleep are controlled by different brain mechanisms. *The Behavioral and Brain Sciences*, 23(6), 843-850. Recuperado em 15 jul. 2016 de: http://ftp.bstu.by/ai/Todom/My_research/Papers-2.1-done/Cognitive-S/Consciousness/For-icnnai-2010/2/Ref/download.pdf.
- Solms, MKaplan-Solms, K. (2004). *O que é a neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise*. São Paulo: Terceira Margem.
- Weinhold, B. (2006). Epigenetics: the science of change. *Environmental Health Perspectives*, 114(3), 160-167. Recuperado em 15 jul. 2016 de: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1392256/>.
- Winograd, M. (2004). Matéria pensante: a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 56(1), 20-33. Recuperado em 07 jul. 2016 de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672004000100003&lng=pt&nrm=isso.
- Zatz, M. (2000). Projeto genoma humano e ética. *São Paulo em perspectiva*, 14(3), 47-52.
- Ciências Biológicas e de Saúde Unit | Aracaju | v. 5 | n. 3 | p. 61-68 | Out. 2019 | periodicos.set.edu.br
- una dialéctica posible sobre la subjetividad. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, v. 31, n. 4, p. 661-678, dez. 2011.
- KELMAN, M. S. Neurociência, Psicoanálisis. *Atualidades em psicologia*, v. 27, n. 114, p. 39-54, 2013.
- KESSLER, R. J. Neuropsychoanalysis, Consciousness, and Creativity. *Neuropsychoanalysis*, v. 13, n. 2, p. 201-204, 1 Jan. 2011.
- LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; CHENIAUX, E. Discussão de um tratamento psicanalítico sob a ótica das neurociências: a importância de sistemas implícitos e funções executivas no processo terapêutico. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, v. 30, n. 1, p. 13, 8 dez. 2009.
- LYRA, C. E. DE S. O inconsciente e a consciência: da psicanálise à neurociência. *Psicologia USP*, v. 18, n. 3, p. 55-73, set. 2007.
- PINHEIRO, E.; HERZOG, R. Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis? *Tempo psicanalítico*, v. 49, n. 1, p. 37-61, jun. 2017.
- SOLMS, M.; TURNBULL, O. H. What Is Neuropsychoanalysis? In: WEIGEL, S.; SCHARBERT, G. (Eds.). *A NeuroPsychoanalytical Dialogue for Bridging Freud and the Neurosciences*. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 13-30.
- SOUSSUMI, Y. Tentativa de integração entre algumas concepções básicas da psicanálise e da neurociência. *Psicologia Clínica*, v. 18, n. 1, p. 63-82, 2006.
- URREGO, S. G. C. Reflexiones sobre la relación entre las neurociencias y el psicoanálisis. *Universitas Psychologica*, v. 9, n. 3, p. 729-736, 2010.
- WINOGRAD, M. Matéria pensante: a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 56, n. 1, p. 21-34, jun. 2004.
- WINOGRAD, M. Psicanálise, ciência cognitiva e neurociência: notas para uma interlocução sobre o corpo pensante. *Psychê*, v. 10, n. 19, p. 179-195, dez. 2006.

**A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DA CIÊNCIA A PARTIR DAS MUDANÇAS
HISTÓRICAS POLÍTICAS NO BRASIL**
**THE HISTORY OF PSYCHOLOGY AND SCIENCE WITHIN HISTORICAL POLITICAL
CHANGES IN BRAZIL**
**LA HISTORIA DE LA PSICOLOGÍA Y LA CIENCIA DENTRO DE LOS CAMBIOS
POLÍTICOS HISTÓRICOS EN BRASIL**

Priscila Trudes Silva
priscila.trudes@gmail.com

SILVA, Priscila Trudes. **A história da Psicologia e da Ciência a partir das mudanças históricas políticas no Brasil.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.25, p. 20 – 27, julho/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

Observada a notória proclamação da república em 15 de novembro de 1889, este presente pretende abordar a respeito das mudanças consequentes do processo de transição de monarquia para república no Brasil. Dessa forma, será a princípio contextualizada a situação histórica no processo de transição do regime imperial para o republicano e a História da Psicologia e da Ciência no Brasil durante esse período turbulento, mas que trouxe relevantes evoluções ao País.

Palavras-chave: história; consequências; psicologia; ciência.

ABSTRACT

Observing the notorious proclamation of the republic on November 15, 1889, this present intends to address the consequent changes in the process of transition from monarchy to republic in Brazil. Thus, at first, the historical situation in the process of transition from the imperial regime to the republic and the History of Psychology and Science in Brazil during this turbulent period, which brought relevant developments to the country, will be contextualized.

Keywords: History; Consequences; Psychology; Science.

RESUMEN

Observando la famosa proclamación de la república el 15 de noviembre de 1889, este presente pretende abordar los cambios resultantes del proceso de transición de la monarquía a la república en Brasil. De esta manera, se contextualiza inicialmente la situación histórica del proceso de transición del régimen imperial al republicano y de la Historia de la Psicología y de la Ciencia en Brasil durante este período convulso, que trajo acontecimientos relevantes para el país.

Palabras clave: historia; consecuencias; psicología; ciencia.

INTRODUÇÃO

Para o homem, o conhecimento da História permite compreender mais profundamente a própria experiência humana. Conforme Le Goff (1986), é solicitada à História respostas fundamentais da existência humana, quais sejam: quem somos, onde viemos e para onde iremos. Nos estudos históricos no âmbito da Psicologia é perceptível a própria natureza do homem, que é um ser histórico.

Uma razão para o estudo da História está relacionada aos objetivos do conhecimento em geral e das disciplinas psicológicas em particular, como mencionado por Pernoud: "A História não fornece soluções, mas ela permite e só ela, pôr corretamente os problemas." (1977, p. 158). Os estudos históricos, por sua vez, fornece ao estudo da Psicologia a consolidação de sua identidade e cientificidade, tornando-a cada vez mais esclarecedora, com suas bases e raízes

firmadas e bem colocadas no alicerce de contextos culturais e sociais ao longo do tempo e do espaço.

A História da Psicologia no Brasil pressupõe uma definição do que é Psicologia e seu parecer compreende a história de seus conceitos, o estudo das condições culturais, econômicas e sociais que presidiram à sua ascensão e a interpretação do seu desenvolvimento científico. Por outro lado, o período de transição para a república no Brasil é uma data que ficou marcada por representações sociais. Foi um período de grande conflito entre grupos conservadores e liberais que lutavam por um sistema que beneficia a população, no entanto, o grupo dominante lhes negava esses direitos básicos, no contexto político, relata Menezes (2020).

Carvalho (2002) afirma que foi a partir do período de 1870 que se passou a construir um modelo republicano, que posteriormente passou a conquistar seguidores para esse movimento que mais tarde seria motivo de uma conspiração contra o império.

Para Freitas (2010), esse desenrolar sucedeu-se acompanhado de uma série de eventos que apesar de conspiratórios, foram aceitos em clima de paz pelo povo que teve o seu papel nessa transição, lutando contra repressões governamentais.

Segundo Alonso (2019), toda luta dos grupos civis e militares garantiu que o processo de mudança de governo ocorresse com êxito e aceitação. Essa mudança trouxe efeitos benéficos para a nação que comemorou a proclamação nas ruas, com esperanças de “solução” para os problemas do País.

A transição da monarquia para república se deu por um chamado “golpe de estado”, onde as forças armadas se colocaram contra o governo para assumir o controle deste, cita Ferreira e Delgado (2010). O golpe se sucedeu devido a diversos eventos que se desenrolaram com a insatisfação de grupos da sociedade, sobretudo os militares, caracterizando-se a crise da monarquia, afirma Silva (2020).

Menezes (2020) descreve que a crise teve início com o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, onde o imperador e políticos não foram capazes de manter o ânimo da sociedade frente à insatisfação com o regime monárquico. Assim, novas ideias foram colocadas em pauta na sociedade e a república ganhou força. Dessa forma, os primeiros partidos republicanos começaram a ser fundados no Brasil (como o Partido Republicano Paulista), tendo as ideias sido manifestadas em um documento chamado “Manifesto Republicano”, em 1870.

Ferreira e Delgado (2010) afirmam que a insatisfação militar se deu por motivos de carreiras, baixos salários, assim como, necessidade de manifestar suas posições políticas, prática proibida pela monarquia que tentou censurar suas opiniões em jornais e corporações. Havia também demanda dos militares com a exigência de tornar o Brasil um País laico. Essas necessidades se manifestam evidentes após a guerra do Paraguai, onde estes passaram a exigir reconhecimento por seus serviços prestados na guerra.

No cenário político e social, Silva (20-?) menciona que, havia um grande conflito entre conservadores e liberais. São Paulo havia se tornado um grande centro econômico, logo, as elites passaram a exigir maior representação política nas decisões, tendo em vista que menores províncias como o Rio de Janeiro e Bahia desfrutavam de grande representação.

Esse contraste gerou insatisfação da elite frente ao governo monárquico, justificando o fato de a província de São Paulo ter tido o maior partido republicano, o Partido Republicano Paulista.

O referido salienta que os grupos liberais demandam maior participação política, ampliando os votos, com o intuito de enfraquecer os conservadores e os grandes fazendeiros. No entanto, o rumo foi outro, e com a aprovação da Lei Saraiva, em 1881, os números de eleitores no Brasil diminuíram, correspondendo a 1,5% da população brasileira.

Com isso, esses grupos passaram a manifestar suas demandas por outros meios como jornais. Toda essa insatisfação apenas reforçou a necessidade de um governo republicano.

O manifesto Republicano citado anteriormente foi um documento que criticava a centralização do poder na monarquia e exigia um modelo federal, ou seja, autonomia às províncias. Esse documento também responsabilizava a monarquia por todos os problemas do País e defendia a república como a “solução”. Vale ressaltar também que foi um norteador do movimento para o fim do império, afirma o supracitado.

Outra causa apontada por Silva (20-?), que também teve peso para a crise da monarquia e favoreceu o crescimento do movimento republicano, foi à defesa da abolição na década de 1880. Tendo em vista que os grandes fazendeiros eram grandes dependentes de mão de obra escrava, ressentem-se com a Monarquia e aderiram ao movimento, citados por Priore (2010) como “republicanos de última hora”.

Quanto à questão religiosa na crise, Ribas (2020) relata que fora o fato da demanda social por um estado laico, havia um conflito entre a Igreja e o Estado. As decisões papais deveriam ser aprovadas pelo imperador. Em 1864 o Papa Pio IX condenou a participação de religiosos nas lojas maçônicas e se posicionou contra o liberalismo.

Dom Pedro II passou a combater as ordens papais com seu poder constitucional. Entretanto, os bispos optaram por seguir as ordens da igreja, o que acarretou em prisões e causou o conflito entre Igreja e Estado. Dessa forma, a família real perdeu também o apoio da igreja católica.

Alonso (2019) salienta que havia um tripé que sustentava a monarquia Brasileira;

- A restrição política;
- Escravidão e
- O catolicismo.

Dessa forma, tendo o império perdido apoio em todas essas áreas, a Monarquia encontrou-se isolada e enfraquecida, refém de uma conspiração formada por vários grupos insatisfeitos, complementa Silva (20-?).

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

A proclamação da república aconteceu em 15 de novembro de 1889, devido à insatisfação de civis e militares com o regime monárquico. A deposição foi conduzida pelo Marechal Deodoro Fonseca e proclamada por José do Patrocínio no Rio de Janeiro, afirma Menezes (2020).

Para esse objetivo, o mesmo complementa que no dia 10 de novembro de 1889, defensores da república reuniram-se com o referido Marechal, a fim de fazê-lo aderir à conspiração em andamento. Este foi convencido a participar do golpe tomando por base falsas notícias que foram veiculadas publicamente na época com o objetivo de conquistar seguidores para o movimento republicano.

Dessa forma, no dia 15, o Marechal liderou tropas cercando o Campo de Santana e exigindo demissão do Visconde de Ouro Preto. Houve uma frustrada resistência por parte do Conde d'Eu. O imperador que no momento encontrava-se em Petrópolis tinha esperança de que tudo se resolveria com seu retorno à província. No entanto, nessa mesma cidade, recebeu a notícia da expulsão da família real, que dois dias depois tiveram de embarcar para Lisboa, afirma Menezes (2020).

Descreve que com a proclamação, houve muitas celebrações nas ruas e um novo governo foi concebido, presidido pelo Marechal Deodoro, denominado de governo provisório. Todo contexto de proclamação é resumido por Saes (2005) da seguinte forma:

Através de um golpe de Estado liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, foi derrubado, em 15 de novembro de 1889, o Gabinete Ouro Preto e com ele a Monarquia. No mesmo dia já era escolhido o primeiro ministério republicano e no dia imediato eram divulgados o manifesto do novo governo e o primeiro decreto constitutivo do novo regime. Neste decreto, redigido por Rui Barbosa era proclamada provisoriamente a República Federativa, as antigas províncias do Império sendo transformadas em Estados com poder de decretar a sua própria Constituição e de eleger os seus corpos deliberantes e os seus governos. (SAES, 2005, p.17)

Menezes (2020) descreve que a proclamação trouxe mudanças, mas não radicais. Houve mudança de visão para nacionalista, autoritária e progressista.

Apesar de autores como Silva (20-?), descreverem as mudanças como profundas e essenciais, há outros autores como Velasco (2014) que defendem a filosofia de que as mudanças não foram revolucionárias, tampouco profundas, sob o fundamento de que as mudanças não afetaram as pessoas mais humildes.

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E A CIÊNCIA NO BRASIL

Dentro desse contexto, durante esse período de mudanças no Brasil, o desenvolvimento da ciência no Brasil crescia no século XX, como num processo histórico em que teve suas características mais destacadas no início do século XX e século XIX. O período colonial (1500-1822) foi caracterizado por marcas profundas advindas do encontro de choque cultural entre o mundo dos colonizadores portugueses e dos nativos da Terra de Santa Cruz – criando assim, a identidade sócio-cultural no Brasil.

Nesse período, por sua vez, não é possível encontrar a Psicologia tal qual em seu sentido atual, no entanto, os documentos da época revelam a existência de formas de conhecimento psicológico que apresentam diferentes objetivos e por diferentes áreas do saber. No âmbito de tratados da Pedagogia e da Medicina podemos encontrar sermões religiosos e escritos morais, páginas dedicadas ao estudo de emoções, sensações, doenças mentais, controle do comportamento e desenvolvimento psíquico.

Estes autores, intelectuais brasileiros em grande parte, apresentaram tais assuntos por diversos motivos, quais sejam: interesse doutrinário, finalidades de educação religiosa ou moral ou definir métodos para a terapia e o controle de distúrbios de comportamento. Assim sendo, os assuntos de natureza psicológica assumem uma função importante, não somente filosófica, mas também, de cunho político e social. No aspecto da tradição filosófica e teológica, tendo o jesuíta Antônio Vieira, o representante mais célebre, o conhecimento de si mesmo e dos outros

tem uma função prática do controle e modificação do comportamento, sendo possível a estruturação na base de critérios morais.

O estudo do homem, no século XVIII, tornou o conhecimento da subjetividade e do comportamento área de competência das disciplinas médicas. Conforme citou Francisco de Mello Franco, médico mineiro, em seu livro *Medicina Theológica, ou Suplica Humilde feita a todos os Senhores Confessores e Diretores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Cólera e Bebedice* afirma que as chagas todas do coração humano... "podem ser inteiramente curadas pelos médicos". (citado em Massimi, 1985, p. 190).

Outra forma de conhecimento psicológico nesse período é o estudo das emoções humanas. Nos escritos de cunho religioso, moral e médico é evidenciada a sua relevância. As emoções, também nomeadas como "paixões" ou "afetos da alma" são atribuídas a forças de natureza física ("humores"), em alguns aspectos, ou, também, ao movimento dos nervos, também consideradas como afeições da alma, independentes da constituição do corpo. Ainda nesse âmbito, há a descrição da fenomenologia da tristeza, mencionada por Vieira 1654, em seu sermão.

A origem de todo o conhecimento era considerada como sendo a atividade sensorial e a educação dos sentidos é amplamente valorizada pelos pensadores, além das sensações externas, a existência de impressões produzidas pelos órgãos internos do corpo humano, de onde surgem as inclinações, afetos e caráter morais.

Nos documentos do período colonial, um tema com teor psicológico discutido é o do controle do comportamento infantil e o da educação. O assunto com relevância sobre esse assunto pode-se ser verificado desde o século XVI, conforme os relatos dos missionários jesuítas, referindo-se às práticas educativas dos índios, desenvolvido de forma padronizada no século XVII, abrangendo sobre o desenvolvimento da personalidade feminina e a questão da educação. "A personalidade infantil é considerada como uma *tabula rasa* sujeita às influências determinantes do ambiente e das práticas educativas:"

Conforme a primeira doutrina, conforme a primeira educação que deres aos vossos filhos, podeis conhecer o que há de vir a ser". (Gusmão, citado em Massimi, 1985, p. 245). O homem 'primitivo' é definido como um mero autômato cujas molas podem ser postas em ação pelo exemplo, educação e benefícios (Massimi, 1985). Esses exemplos apontam o tipo de literatura muito difundida na época, conforme Andrade e Silva (1965).

O que se pretendia era tornar o Brasil um "laboratório experimental" para a verificação da hipótese de formação do homem e do cidadão moderno, originada pelos intelectuais na Europa. O estudo desse tipo de documentação é significativo, tendo em vista verificaram-se diversas perspectivas antropológicas características de tais "utopias".

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, uma nova dimensão científica e sua função torna-se mais unívoca e clara: a criação do cidadão brasileiro ao padrão do Estado nacional, criação inspirada propriamente por uma visão iluminista do homem e da sociedade e, segundo, pelo Positivismo. De modo contemporâneo ao processo de Independência do Brasil, tais elaborações teóricas ocorrem, e, ainda, consolida-se como Estado moderno.

Nesse sentido, os conhecimentos psicológicos tornam-se ferramentas importantes úteis para favorecer a adaptação ao novo corpo social que se inicia. Ao longo dos séculos XIX e XX, a evolução das "ideias psicológicas", como ciência do comportamento, ocorre no Brasil e na

primeira metade do século XIX, a *Psychologia*, o que outrora era considerada como uma disciplina de especulação, torna-se objeto de ensino e de estudo dentro de outras áreas de conhecimento como Medicina, Filosofia, Direito, Pedagogia e Teologia, e logo afirma-se como ciência autônoma, na segunda metade do século, baseada em postulados positivistas contendo aplicações práticas como meio e intervenção.

Em primeiro momento, afirma-se como área de competência da Medicina, enquanto objeto de pesquisa, de terapia e de prevenção. No século XIX, a Medicina brasileira propôs um novo tipo de saber acerca do homem, que lançava os galhos para além das dimensões físicas e morais da experiência individual, ou seja, a ligação com o contexto ambiental.

Nesse sentido, os estudos médicos promovem de maneira positiva o desenvolvimento de teorias e práticas psicológicas firmadas através do método científico, definindo-se, então, Psicologia Clínica. A filantropia médica dá lugar à antropologia e à ética de matriz religiosa que norteiam o mundo cultural e social no Brasil Colonial. Aponta o doutor A. J. Rosário os objetivos de sua profissão: "Cabe ao médico, é tarefa dele, regular as funções intelectuais do homem, dirigir sua conduta moral... pois cabe a ele a honrada e espinhosa missão de tornar o mais perfeitas possível as raças humanas" (Rosário, 1839, p. 2).

O conceito de introduzir uma metodologia científica para o controle da subjetividade e do conhecimento, com o objetivo de formar o indivíduo desde os primeiros anos de sua existência, forma-se dentro do contexto da Pedagogia. No século XIX, evidenciam-se as carências do sistema educacional brasileiro, descobrindo a necessidade de organização do ensino segundo métodos "racionais" (Russel, 1849), inspirados nos modelos norte americanos e europeus; sendo assim, uma nova disciplina assume relevante papel como disciplina, a "Metódica e Pedagogia", dentro da qual são abordados vários temas da Psicologia. A "Psicologia Aplicada ao Desenvolvimento Infantil" é implementada pela primeira vez na Escola Americana de São Paulo, 1870. Por outro lado, e complementarmente, a filosofia positivista difunde-se no mundo intelectual brasileiro favorecendo a perspectiva ideológica determinante para a organização e o progresso da sociedade. Sob essa ótica, a Psicologia representará a base científica da Pedagogia.

Os historiadores da Psicologia brasileira, particularmente Massimi (1986, 1990, 1999) e Antunes (1999, 2004), defendem a tese de que no Brasil havia um saber psicológico antes da chegada da Psicologia científica, tal qual, como a elaborada em solo europeu, porém havia um saber psicológico antes mesmo antes da chegada dos colonizadores, como respaldado por cunho cultural e antropológico, entre os tupis-guaranis, sem ligação com a Psicologia europeia, mas tratava-se da compreensão da subjetividade dos povos que habitavam estas terras. Evidencia-se, assim, de um lado a ampliação dos estudos históricos em Psicologia e à história brasileira; por outro lado, há o processo de formação dos conceitos da Psicologia, como também em outras áreas do saber, ao longo dos anos, como a História das Ciências, em particular, a História da Psicologia.

É preciso frisar a diferença entre a História da Psicologia científica e a História das Ideias Psicológicas (referente ao período pré-científico Psicológico) e entre História da Psicologia, sendo esta descritiva, pois fornece uma reconstrução e revisão do percurso real de desenvolvimento dos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo exposto, ou seja, com o regime monárquico de Dom Pedro II encurralado, sem nenhum apoio do citado tripé que o mantinha (escravatura, igreja e política), a ideia de república ganhou força e o movimento cresceu. Sendo substituído o império pela república, por intermédio do golpe de estado, liderado pelo Marechal Deodoro, sob apoio de suas tropas e da população.

A data de 15 de novembro de 1889 ficou registrada na história brasileira, e foi consagrado um evento importante e necessário para os demais que viriam a ocorrer ao longo dos anos, tornando o Brasil um país livre e democrático.

Os efeitos da transição trouxeram relevantes mudanças para; o sistema eleitoral que passou a abranger maior parte da população com um sufrágio universal; as províncias passaram a ser Estados Federativos com a descentralização do governo; símbolos nacionais foram alterados, trazendo para a nação uma nova identidade; foram eleitos novos heróis nacionais; o Brasil se transformou em um estado Laico sob forma de governo presidencialista.

Dessa forma, conclui-se que a nação sofria mudanças históricas, políticas e de conhecimento científico nesse período, trazendo relevantes mudanças para a nação. Sendo assim, o estudo da História do Brasil e da Psicologia contribui para transformar uma imagem não dogmática, apontando suas relações com outras áreas do saber, como a filosofia, a religião, a literatura etc.

A busca pelo estudo dos vestígios, evitando deformar o conceito existente e a nossa visão atual, alarga o seguro liberto de preconceito e de pretensão, trazendo um conhecimento real do passado.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Ângela. Instauração da República no Brasil. In.: SCHWARCZ, Lília M. e STARLING, Heloisa M (orgs.). Dicionário da República: 51 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Tempo do Liberalismo Excludente – da proclamação da república à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. In: O Diálogo convergente: Políticos e Historiadores no início da República. 6. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- SAES, Guillaume Azevedo Marques de. Tese: A República e Espada: a primeira década republicana e florianismo – USP. São Paulo, 2005.
- SILVA, Daniel Neves. "Proclamação da República"; *Brasil Escola*. [20-?]. Disponível em: < <https://brasilestela.uol.com.br/historiab/proclamacaodarepublica.htm> >. Acesso em 10 de janeiro de 2022.
- MENEZES, Anderson José de. Primeira República: Transição do Império para a República e os conflitos políticos – 1889. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 07, Vol. 01, pp. 136-152. Julho de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: < <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/primeira-republica> >. Acesso em 10 de janeiro de 2022.
- PRIORE, Mary Del VENANCIO, Renato. Uma Breve História do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- RIBAS, Ana Maria. A transição Império-republica (1870 – 1889). Colégio Pedro II – Campus Humaitá II. Texto de Apoio - História do Brasil. 2020. Disponível em: < http://www.cp2.g12.br/blog/humaitaii/files/2020/03/Roteiro-de-estudos-3%C2%BA-ano-Ana-6_sintese_transic%C3%A7%C3%A3o_imperio_republica.pdf >. Acesso em 10 de janeiro de 2022.
- VELASCÓ, Valquiria. Proclamação da República. Infoescola. 2014. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/proclamacao-da-republica/> >. Acesso em 15 de janeiro de 2022.
- Andrada e Silva, J.B. (1965). Apontamentos para a Civilização dos índios Bravos do Império do Brasil . Santos: ISEPU. Texto original de 1823.

- Brozek, J. e Pongratz, L. J. (Orgs) (1980) *Historiography of Modern Psychology*. Toronto: Hogrefe.
- Eça, M.A.R. da S. (1752) *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens: os Discursos Morais sobre os Efeitos da Vaidade*. Lisboa: Oficina Francisco Luís Ameno.
- Eça, M.A.R. da S. (1778) *Problema de Arquitetura Civil*. Lisboa: Galhardo.
- Feyerabend, P. (1957) *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Franco, F. de M. (1794). *Medicina Theológica ou Supplica Humilde Feita a todos os Senhores Congressos e Directores sobre o Modo de Proceder com seus Penitentes na Emenda dos Pecados, principalmente da Lascívia, Cólera e Bebedice*. Lisboa: Oficinas de Antonio Rodrigues Galhardo.
- Franco, F. de M. (1823) *Elementos de Hygiene*. Lisboa: Academia Real das Ciências.
- Gusmão, A. (1685). *A Arte de Criar bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Deslandes.
- Le Goff, J. (1986) *A Nova História*. Lisboa: Editora 70.
- Lueck, H.E. e Miller, R. (Eds) (1992) *Illustrierte Geschichte der Psychologie*. Munique: Quintessence.
- Massimi, M. (1985) *História das Idéias Psicológicas em Obras de Autores Brasileiros do Período Colonial* Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP.
- Massimi, M. (1989) *O Ensino da Psicologia em Instituições de Ensino Brasileiras do Século XIX*. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia, USP.
- Mecacci, L. (1992) *Storia della Psicologia dei Novecento*. Bari: Laterza.
- Penna, A.G. (1980) *História das Idéias Psicológicas*. Rio de Janeiro: Zahar. (1) Depto. de Psicologia e Educação Fac. de Filosofia, Ciências e Letras End. para correspondência: Av. A. Constantino, 150. Jardim Recreio Ribeirão Preto - SP
- Andrada e Silva, J. B. (1998). *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.
- Amsden, A. H. (2009). *A ascensão do resto: os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia* (R. M. dos Santos, trad.). São Paulo: UNESP.
- Antunes, M. A. M. (1999). *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua construção*. São Paulo: EDUC/UNIMARCO.
- Antunes, M. A. M. (Org.). (2004). *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios* Rio de Janeiro: Eduerj.
- Bastos, A. V. B. Gondim, S. M. G. (Orgs.). (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil* Porto Alegre: Artmed.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento* (D. Kern & G. J. F. Teixeira, trads.). São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk.
- 30 anos de regulamentação (1992). *Psicologia, Ciência e Profissão*, 12(2), 4-9.
- Conselho Federal de Psicologia û CREPOP. Referências Técnicas para a atuação do(a) Psicólogo(a) no CRAS/SUAS Recuperado em 13 de junho de 2012 de www.pol.org.br
- Coelho, E. C. (1999). *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record.
- Foucault, M. (1980). *O nascimento da clínica* (2a ed., R. Machado, trad.). Rio de Janeiro: Forense/Universitária.
- Furtado, O. (2011). *Trabalho e solidariedade* São Paulo: Cortez.
- Furtado, O. (2002). *As dimensões subjetivas da realidade: uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social*. In O. Furtado & F. González- Rey (Orgs.), *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- IBGE (2010) *Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009*. Recuperado em 18 de junho de 2012 de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/pof/2008_2009.
- Massimi, M. (1986). *As origens da psicologia brasileira em obras do período colonial*. In M. C. Guedes, *História da psicologia*. São Paulo: EDUC.
- Massimi, M. (1990). *História da Psicologia Brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU.
- Massimi, M. (1999). *O lugar dos conhecimentos psicológicos na cultura luso-brasileira do século XVI ao século XVIII*. In M. C. Guedes & R. H. F. Campos, *Estudos em história da psicologia*. São Paulo: EDUC.
- Paula, S. G. de. (Org.). (2001). *Hipólito José da Costa* São Paulo: Editora 34.
- Pessoti, I. (1975). *Dados para uma história de psicologia no Brasil*. *Psicologia*, 1(1), 1-14.
- Pessotti, I. (1988). *Notas para uma história da psicologia brasileira*. In Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp.17-31) São Paulo: Edicon.
- Política Nacional de Assistência Social û (PNAS) Aprovada pelo Conselho Nacional de Assistência Social por intermédio da Resolução nº 145 (15/10/2004) e publicada no Diário Oficial da União em 28/10/2004.*
- Rocha, A. P. (Org.). (2001). *José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu*. São Paulo: Editora 34.
- Silva, M. R. B. (2010). *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo saúde e assistência se tornam públicas (1875-1910)*. *Varia História*, 26, 44. Recuperado em 18 de junho de 2012 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752010000200004&script=sci_arttext#nt01.
- Soares, A. R. (1979). *A psicologia no Brasil*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 0. (Fac símile republicado em 2010 em *Psicologia: Ciência e Profissão 30 anos número especial*).
- Weffort, F. C. (2006). *Formação do pensamento político brasileiro: ideias e personagens*. São Paulo: Ática.

BENEFÍCIOS DO BILINGUISMO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS

BENEFITS OF BILINGUALISM FOR THE DEVELOPMENT OF EXECUTIVE FUNCTIONS

BENEFICIOS DEL BILINGÜISMO PARA EL DESARROLLO DE FUNCIONES EJECUTIVAS

Priscila Trudes Silva
priscila.trudes@gmail.com

SILVA, Priscila Trudes. **Benefícios do bilinguismo para o desenvolvimento das funções executivas.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.25, p. 28 – 33, julho/2023. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar e expor as vantagens do bilinguismo para as crianças adeptas ao uso e explorar os desafios encontrados no geral para sua implementação nas escolas e na vida das referidas. Dessa forma, para contextualizar o leitor, será inicialmente abordado os conceitos de bilinguismo e as características do ensino com posterior abordagem das mencionadas vantagens desse ensino para o desenvolvimento do sistema cognitivo da criança, logo após, as influências para o seu futuro profissional, familiar e social, e como se dá esse desenvolvimento. Feito isso, pode-se discutir os desafios para a implementação dessa metodologia de ensino, tanto para a sociedade como para as escolas. Se valendo para tudo, de dados obtidos por meio de pesquisas já realizadas na área, como também artigos científicos nesse mesmo contexto.

Palavras chave: bilinguismo; funções executivas; metalinguismo; linguística.

ABSTRACT

This article aims to analyze and expose the advantages of bilingualism for children who are adept at using it and explore the challenges encountered in general for its implementation in schools and in the lives of those referred to. Thus, to contextualize the reader, the concepts of bilingualism and the characteristics of teaching will be initially addressed, with a subsequent approach to the aforementioned advantages of this teaching for the development of the child's cognitive system, soon after, the influences for their professional, family and personal future. society, and how this development takes place. Once this is done, one can discuss the challenges for the implementation of this teaching methodology, both for society and for schools. It applies to everything, data obtained through research already carried out in the area, as well as scientific articles in the same context.

Keywords: bilingualism; executive functions; metalinguistic; linguistics.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar y exponer las ventajas del bilingüismo para los niños que son adeptos a su uso y explorar los desafíos que encuentran en general al implementarlo en las escuelas y en sus vidas. Así, para contextualizar al lector, se abordarán inicialmente los conceptos de bilingüismo y las características de la enseñanza para un posterior acercamiento a las citadas ventajas de esta enseñanza para el desarrollo del sistema cognitivo del niño, seguido de las influencias en su desarrollo profesional, familiar y sociedad y cómo se produce este desarrollo. Una vez hecho esto, se podrán discutir los desafíos que supone implementar esta metodología de enseñanza, tanto para la sociedad como para las escuelas. Utilizando datos obtenidos a través de investigaciones ya realizadas en el área, así como artículos científicos en el mismo contexto.

Palabras clave: bilingüismo; funciones ejecutivas; multilingüismo; lingüística.

INTRODUÇÃO

O termo bilinguismo pode ser descrito como a capacidade de um indivíduo de fazer uso de duas línguas, tendo em vista que as utiliza desde sua juventude, bem como aprender ao longo de sua vida e dominá-las e simplesmente exercer o domínio sobre ambas, tais definições são feitas e encontradas no dicionário de Oxford, por Megale(2005), e também referenciada por Harmers e Blanc (1935), respectivamente.

Pelas palavras de Dias e Muner (2019):

O bilinguismo é uma situação linguística, onde duas línguas coexistem na mesma comunidade ou em que um indivíduo demonstra capacidade gramatical e comunicativa em mais de uma língua. (DIAS E MUNER, 2019, p.01)

Segundo Harmers e Blanc (2000), o bilinguismo é difícil de conceituar, complexo, pois suas definições alcançam diferentes contextos, como verbais e não verbais. Logo, deve ser tratado como tal é observado de diferentes óticas, para que no fim, estas ideias se complementam.

O termo bilíngue não se restringe a linguagem oral ou escrita, podendo-se também abranger outras qualidades de métodos, como as linguagens de sinais, conhecida por Libras (Linguagem Brasileira de Sinais), segundo Silva e Souza (2015). No entanto, sabendo disso, esse trabalho se restringirá ao método de ensino de uma linguagem falada e escrita, simultaneamente utilizada com a língua nativa, como se assim fosse.

No contexto brasileiro, a língua portuguesa ainda é oferecida como a primeira língua, logo, é considerado um país monolíngue, apesar de haver neste, grupos de pessoas distintas que fazem uso do bilinguismo, salienta Silva e Souza (2015).

CARACTERÍSTICAS DE ENSINO E DESENVOLVIMENTO

Segundo Silva e Souza (2015), a filosofia do bilinguismo surgiu na década de 80, foi crescendo na área educacional com o objetivo de ensinar duas línguas no contexto escolar, e na década de 90 esse objetivo foi conquistado em diversos países do mundo inteiro. Para Viola e Nonato (2019), se observa uma crescente necessidade em dominar uma segunda língua, como um investimento na educação do futuro.

Os mesmos afirmam que há décadas, o bilinguismo era procurado por famílias estrangeiras que buscavam um ensino da língua do país vigente simultâneo com a língua materna, para caso no futuro, voltassem ao país de origem.

No entanto, Silva e Souza (2015) salientam que no Brasil, dito cultural e globalizado, ainda há uma restrição e individualização no ensino da primeira língua, a língua portuguesa, por motivos que ainda serão explorados e discutidos nos futuros tópicos (desafios para implementação do bilinguismo).

Dito isso, é importante salientar que o mais importante na experiência bilíngue é valorizar, igualmente, ambas as línguas, sem privilégios ou distinções, afirma Harmers e Blanc (2000).

Aprofundando-se mais no cenário escolar, a Lei nº 9.394/96, art.29 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL,1996. p.10).

Em outras palavras, a escola é uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento da criança, naquilo que não couber aos pais, ou estiver fora de seu alcance, com o fim de

prepará-la para a vida. Viola e Nonato (2019) complementam que é na infância que vão despertar hábitos de organização, tempo, coordenação motora e interesse em outros idiomas e culturas, fazendo da escola um local propício para aplicação dessa nova metodologia.

Piaget (1936/1987) salienta que o processo de aprendizagem funciona como uma estrutura em que o conhecimento é assimilado e permanece em constante crescimento e desenvolvimento até criar subsistemas que compõem a estrutura inicial, permitindo assimilar ideias mais complexas e multidimensionais. Em uma criança bilingue precoce, o processo ocorre de forma semelhante, onde dois sistemas compõem uma estrutura maior e permanecem em crescimento constante, podendo-se diferenciar ambas.

Vygotsky, Luria y Leontiev (2010) afirmam que, para que esse conhecimento comunicativo seja desenvolvido, é necessário que haja uma interação da criança com o ambiente, com outros indivíduos, seja com os pais (comunicando como foi seu dia, contando histórias) ou com outras crianças. Em outras palavras, antes de se tornar um processo mental, deve haver uma interação espontânea com o ambiente para estabelecer significados.

Além disso, estes também afirmam que é através da comunicação oral que se estabelecem significados ao conceito de fala e pensamento. E, as crianças, embora não dominem a linguagem escrita e simbólica, são efetivas em comunicações orais.

Diante de tudo que foi dito, é importante salientar que apesar da aprendizagem ocorrer da interação do indivíduo com o ambiente, para Piaget (1975b), o processo de assimilação ocorre de dentro pra fora; toda vez que surge uma nova informação, há um desequilíbrio, onde o cérebro buscará uma acomodação e relação de significados até alcançar o equilíbrio novamente.

É importante também ressaltar que segundo Dias e Muner (2019), o período da infância compreendido entre o nascimento até os 6 anos (primeira infância), é a fase perfeita para um indivíduo aprender uma nova língua. Tendo em vista que muitos estudos e pesquisas mostram que o cérebro infantil possui maior flexibilidade e um incontáveis ligações neurais, possibilitando um processo de aprendizagem mais rápido e fácil. Em outras palavras; o que se aprende na infância, dificilmente pode ser esquecido depois de adulto.

VANTAGENS DO BILINGUISMO PARA AS CRIANÇAS

Por muito tempo se acreditou que expor uma criança a uma segunda língua, ainda na infância, poderia ser prejudicial para o desenvolvimento dela, pois seria muita informação para assimilar. O que poderia acarretar em uma falta de progresso em uma ou nas duas línguas, sotaques na língua dominante, entre outras dificuldades. Hoje porém, pesquisas tem mostrado o inverso; aprender uma segunda língua tem amplificado o horizonte de conhecimentos para uma nova cultura e troca de informações com pessoas de todo o mundo, o que garante uma vantagem frente a outros, para um futuro em um mundo globalizado, afirmam Dias e Muner (2019).

Vygotsky (2008) complementa que é a interação que constrói o conhecimento, logo, ao se comunicar com novas pessoas e culturas, mais se estará aprendendo, e a língua é a responsável por intermediar esse processo.

Pesquisas também apontam que o bilinguismo na infância proporciona o desenvolvimento cognitivo, linguístico e metalinguístico, precocemente se comparado a

crianças da mesma idade que fazem uso apenas de uma língua, citam Brentano e Finger (2010). Essas vantagens podem ser mais bem definidas por David (2016), como maior atenção, nível de processamento, tempo de resposta e precisão.

O controle inibitório é a capacidade do cérebro de controlar os pensamentos, ou seja, focar nas informações importantes e ignorar as irrelevantes; segundo Kramer e Saldanha (2015), estudos afirmam que esse processo é acelerado em crianças bilíngues e que esse controle tende a crescer na fase adulta, permitindo não apenas exercer um controle eficaz nos processos verbais, como não verbais; organização em tarefas do dia a dia por exemplo.

As três dimensões das funções executivas estão relacionadas a um mesmo agrupamento de regiões cerebrais, por isso são habilidades inter-relacionadas de tal forma que o desempenho de uma habilidade afeta diretamente o da outra. A autora aponta que crianças expostas a mais de uma língua possuem desempenho melhor no controle inibitório e na memória de trabalho, o que conseqüentemente afetará o desempenho da flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de mudar o curso do pensamento e a forma de agir, tentar resolver um problema de um modo diferente e criativo (MADRUGA, 2015, online).

A memória de trabalho é a capacidade do cérebro em reter uma informação e transformá-la em uma nova memória. Pesquisas realizadas com dois grupos distintos de crianças bilíngues e monolíngues teve como resultado que as crianças bilíngues possuem uma capacidade maior em memória de trabalho, ou seja, em reter novas informações e trabalhar com elas, afirma Takatsu (2017).

Outra vantagem que se encontra na utilização do bilinguismo a longo prazo é o retardamento da demência em idosos. Dados de pesquisas realizadas por Craik, Bialystok e Freedman (2010), mostram que idosos com a vida social e cognitiva ativa, tiveram um retardamento no aparecimento das doenças relacionadas à memória, como o Alzheimer.

Estudos de uma outra pesquisa também feita pelos referidos acima; realizada com 46 alunos de uma universidade de Princeton, sendo 23 bilíngues e outros 23 monolíngues. Apontou que os alunos bilíngues precoce são mais empáticos, devido ao fato de possuírem um controle executivo superior, que favorece controlar o bem-estar e torna mais fácil analisar a perspectiva do outro.

Segundo Pereira *et al.* (2012), outro ponto que o controle executivo favorece é a facilidade em lidar com cálculos e linguagens. Em contrapartida, o mal desenvolvimento dessa área está relacionado a problemas sociais e mentais como Déficit de Atenção, Hiperatividade e deficiência intelectual.

DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DO BILINGUISMO

Os primeiros desafios que podem ser citados aqui para a implementação do bilinguismo na educação brasileira, são as políticas públicas. Silva e Souza (2015) citam que não há um incentivo para um ensino de qualidade na aquisição da segunda língua nas escolas. O que há na verdade é uma restrição de ensino quase que exclusivo para uma única língua, a língua oficial do país. Logo, o primeiro passo para a implementação do bilinguismo seria um investimento das políticas públicas na educação, favorecendo um ensino de qualidade de forma que ambas as línguas venham ser tratadas de forma equivalente sem distinções. Método este que é vital

para um aprendizado eficiente acompanhado das vantagens que o bilinguismo pode proporcionar, durante e após o processo de aprendizagem, diz Flory (2008).

Outro desafio citado por Viola e Nonato (2019) é o aspecto afetivo e emocional da criança; se o processo de aprendizagem não for por imersão, ela pode se sentir desconfortável com a adaptação de alguma das línguas pelo fato de serem culturas distintas do seu convívio. Logo, para sanar esse conflito, é necessário que haja o devido equilíbrio, como já citado anteriormente, no ensino da nova língua, sem distinção de ambas.

No processo de aprendizagem, as crianças estão sujeitas a trocarem vocabulários e misturam palavras. No entanto, segundo Genesee (1994), esse comportamento é completamente normal. Esse fato acontece na verdade, porque em um primeiro momento, a criança não tem consciência de que está diante de duas línguas distintas. Com o passar do tempo, a criança começa a assimilar que está diante de duas linguagens, e passa a escolher qual língua usar com qual pessoa ou grupo social. Essa troca o referido menciona como parte negativa do bilinguismo, no entanto, é apenas uma etapa do processo de aprendizagem.

Os mitos a respeito do bilinguismo também é uma realidade que prejudica na escolha pelo bilinguismo, afirma Kandolf (1995). Mitos estes; “deve-se ensinar primeiro uma língua, depois outra”, “a criança pode não se sentir confortável e não desenvolver bem nenhuma das duas línguas”, entre outros comentários sem base empírica. Com isso, a solução mais eficiente citada pelo mesmo autor é incentivar mais pesquisas nessa área, com o fim de sanar as dúvidas e mitos do senso comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou e expôs as vantagens do bilinguismo para crianças adeptas ao seu uso, bem como explorou os desafios encontrados na implementação dessa metodologia nas escolas e na vida das crianças. Ao longo do texto, foram abordados conceitos de bilinguismo, características do ensino e desenvolvimento, vantagens cognitivas e sociais para as crianças bilíngues, e os desafios enfrentados para a implementação do bilinguismo na educação brasileira.

O bilinguismo, definido como a capacidade de fazer uso de duas línguas, desde a infância até a vida adulta, foi discutido a partir de diferentes perspectivas. Foi ressaltada a importância de valorizar igualmente as duas línguas, sem privilégios ou distinções, no processo de ensino bilíngue. Além disso, foi destacado o papel da escola no desenvolvimento da criança, complementando a ação da família e preparando-a para a vida.

As vantagens do bilinguismo foram apresentadas com base em pesquisas e estudos na área. Foi evidenciado que o aprendizado de uma segunda língua na infância amplia o horizonte de conhecimento, promove o desenvolvimento cognitivo, linguístico e metalinguístico, melhora o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva. Além disso, o bilinguismo pode retardar o aparecimento de doenças relacionadas à memória em idosos, e os indivíduos bilíngues tendem a ser mais empáticos e possuem facilidade em lidar com cálculos e linguagens.

No entanto, a implementação do bilinguismo na educação brasileira enfrenta desafios. Um dos principais é a falta de incentivo e políticas públicas que favoreçam um ensino de qualidade da segunda língua nas escolas. É necessário um investimento por parte das políticas

públicas, proporcionando um ensino equitativo das duas línguas, sem restrições. Outro desafio está relacionado ao aspecto afetivo e emocional das crianças, que podem enfrentar dificuldades de adaptação caso a aprendizagem não seja feita por imersão.

Em suma, o bilinguismo traz benefícios significativos para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, preparando-as para um mundo globalizado e multicultural. No entanto, a implementação dessa metodologia de ensino requer um compromisso das políticas públicas e das escolas em proporcionar um ambiente propício ao ensino bilíngue. Superar esses desafios é essencial para promover uma educação de qualidade e oferecer às crianças brasileiras as oportunidades que o bilinguismo pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. LDB – Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <planalto.gov.br/civil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 22 de dezembro de 2021.
- BRENTANO, Luciana de Souza; FINGER, Ingrid. Habilidades Linguística e Metalingüística diferenciadas no aprendizado em currículo bilíngue. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 35, n. especial, p. 120-144, jul.-dez., 2010. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1815>>. Acesso em 23 de dezembro de 2021.
- CRAIK, Fergus Ian Muirden; BIALYSTOK, Ellen; FREEDMAN, Morris. Delaying the onset of Alzheimer disease: Bilingualism as a form of cognitive reserve. *Neurology*, v. 75, n. 19, p. 1726–1729, nov. 2010. Disponível em: <<http://doi.org/10.1212/WNL.0b013e3181fc2a1c>>. Acesso em 20 de dez. de 2017.
- DAVID, Ricardo Santos. Professor, quanto mais cedo é melhor? O papel diferencial da educação bilíngue. *Revista Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 10, n. 02, p. 6-77, dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/3183/2055>>. Acesso em 05 de set. de 2017.
- DIAS, Isabelle Almeida. MUNER, Luana Comito. OS BENEFÍCIOS DO BILINGUISMO PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL EM CRIANÇAS DE DOIS A SEIS ANOS. *Revista Amazônica, LAPESAM/GMPEPE/UFAM/CNPq/EDUA*. 2019. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/213997192-Os-beneficios-do-bilinguismo-para-o-desenvolvimento-cognitivo-infantil-em-criancas-de-dois-a-seis-anos.html>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2021.
- FLORY, Elizabete Villibor. Influências do bilinguismo precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilíbrio de Jean Piaget. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.47.2009.tde-31052009-105610.(a) Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-31052009-105610/pt-br.php>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- GENESE, F. Aquisição bilíngue. Trad. Wendel Dantas, 1994.
- HARMERS, J LEBLANC, M. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MEGALE, A. H. Bilinguismo e Educação Bilíngue – Discutindo Conceitos. 2005. Disponível em: . Acesso em: 04 dez. 2015.
- KANDOLF, Cindy. *Bilingual families webpage*. Disponível em: <http://www.nethelp.no/cindy/myth.html>, 1995. Acesso em 03 de julho de 2013.
- KRAMER, Rossana; SALDANHA, Fabiana. A RELAÇÃO ENTRE O BILINGUISMO E O CONTROLE INIBITÓRIO: UM RESUMO DOS ESTUDOS REALIZADOS COM ADULTOS E IDOSOS. In: XI SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 2015, Rio Grande do Sul. Anais Eletrônicos. Rio Grande do Sul: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/885/1020.pdf>. Acesso em 23 de dezembro de 2021.
- MADRUGA, Beatriz Mendes. Aspectos da flexibilidade cognitiva e do controle inibitório em crianças de escolas bilíngues em Natal–RN. 163. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21555/1/BeatrizMendesEMadruga_DISSERT.pdf>. Acesso em 19 de dez. de 2017.
- PIAGET, Jean. A equilíbrio das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975b.

- PIAGET, Jean. (1936/1987): O Nascimento da Inteligência na Criança. Tradução de Álvaro Cabral. 4ª ed., Rio de Janeiro, LTC Editora, 1987.
- PEREIRA, Ana Paula Prust et al. Funções executivas em crianças pré-escolares: Desenvolvimento da atenção seletiva medida pelo Teste de Atenção por Cancelamento. Cadernos de Psicopedagogia, 2012. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cap/2011nahead/a05.pdf> >. Acesso em 30 de out. 2017.
- SILVA, Josélia Martins Da. SOUZA, Nadja Barbosa Da Silva. A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO NO CONTEXTO ESCOLAR DOS ALUNOS SURDOS. Universidade Federal Da Paraíba Centro De Educação Curso De Licenciatura Em Pedagogia. João Pessoa–PB. 2015. Disponível em:< <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2209/1/JMS13072016> >. Acesso em: 21 de dezembro de 2021.
- TAKATSU, Mayara Mika. Funções executivas e bilíngues: estudo comparativo com crianças pré-escolares monolíngues e bilíngues. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:< <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19805/2/Mayra%20Mika%20Takatsu.pdf> >. Acesso em 20 de dez. de 2017.
- VIOLA, Blenda Augusta Ribeiro. NONATO, Gleides Ander. Bilinguismo na educação infantil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 10, Vol. 08, pp. 149-153. Outubro de 2019. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/bilinguismo-na-educacao>
- VYGOTSKY, Lev Semenovich.; LURIA, Alexander Romanovich.; LEONTIEV, Alex N.; Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 11ª edição. São Paulo: Ícone, 2010.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem; tradução Jefferson Luiz Camargo. 4ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2008.



Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,
CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>